

Seminário do texto “Por uma história da vida privada”, de Philippe Ariès (1986)

Referência bibliográfica: Ariès, Philippe ([1986] 1991). “Por uma história da vida privada”. In: Ariès, Philippe & Chartier, Roger (orgs.). História da Vida Privada. Vol. 3. Trad. H. Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 7-19.

Breve biografia do autor

Philippe Ariès (Blois, 1914 - Toulouse, 1984) foi um historiador, medievalista e professor universitário francês. Autor de obras de grande repercussão como “História social da criança e da família” (1960) e “Sobre a história da morte no Ocidente” (1978), foi coordenador da coleção “História da vida privada” (1985) em parceria com o historiador Georges Duby. Herdeiro da Escola dos Annales - movimento historiográfico que rompeu com uma visão positivista da história, incorporando novas fontes de pesquisa antes vistas como conjunturais - , Ariès é considerado um dos pioneiros no campo de estudo das mentalidades.

Contexto

Conforme explicitado em uma nota no início do texto, “Por uma história da vida privada” foi escrito por Ariès para introduzir o seminário "A propósito da história do espaço privado", organizado pelo Wissenschaftskolleg de Berlim em maio de 1983. O texto abre o livro “História da Vida Privada 3 - Da renascença ao Século das luzes”, organizado por Ariès e Roger Chartier e publicado em 1986. Como Ariès faleceu antes da finalização do livro, uma nota de Chartier diz que “*Acrescentamos-lhe [ao texto] as reflexões que tal encontro inspirou a Philippe Ariès*”.

Conteúdo do texto

- **Tema:** As noções de público e privado da idade média ao século XIV
- **Problema abordado no texto :**
“É possível uma história da vida privada? Ou essa noção de "privado" nos remete a estados ou valores demasiado heterogêneos de uma época a outra para que possamos estabelecer entre elas uma relação de continuidade e diferenças?” (p. 9)
- **Principais teses contidas no texto**
“A segunda abordagem é mais tentadora e mais próxima da realidade. Consistiria em modificar a periodização clássica e estabelecer como princípio que, de meados da Idade Média ao final do século XVII, não houve mudança real das mentalidades profundas. Não hesitei em adotá-la em minhas pesquisas sobre a morte. Isso equivaleria a dizer que a periodização da história política, social, econômica, e até cultural, não conviria à história das mentalidades. Todavia, há tantas mudanças na vida material e espiritual, nas relações com o Estado, depois com a família, que devemos abordar o período moderno como uma época à parte, autônoma e original, não

esquecendo o que deve a uma Idade Média remanejada e tendo em mente que anuncia a época contemporânea, sem no entanto ser a simples continuação de uma nem o esboço da outra.”

“Por mim, defendo a tese de que esse individualismo de costumes declinou a partir do século XVIII em proveito da vida familiar. Deve ter havido resistências, adaptações (a especialização dos cômodos permitindo o isolamento), porém a família absorveu todas as preocupações do indivíduo, mesmo quando lhe deixava um espaço material.” (p. 18)

- **Objeto empírico:** A sociabilidade do indivíduo, os espaços comunitários

“Aí encontramos um indivíduo enquadrado em solidariedades coletivas, feudais e comunitárias, no interior de um sistema que funciona mais ou menos assim: as solidariedades da comunidade senhorial, as solidariedades entre linhagens, os vínculos de vassalagem encerram o indivíduo ou a família num mundo que não é nem privado nem público no sentido que conferimos a esses termos, ou no sentido que sob outras formas lhes foi dado na época moderna”(p. 9)

- **Orientações teóricas**

Norbert Elias (1897 - 1990, sociólogo): *“Primeiro e essencialmente, que muitos atos da vida cotidiana, conforme mostrou Norbert Elias, se realizam e ainda por muito tempo se realizarão em público.” (p. 9)*

“Norbert Elias analisou-a há muito tempo, nela encontrando um dos principais argumentos de sua tese sobre o surgimento progressivo da modernidade” (p. 14)

“Um primeiro momento importante é o do surgimento do Estado de corte, para retomar a expressão de Norbert Elias.” (p. 23)

Cardeal Richelieu (1585 - 1642, político francês, Primeiro-Ministro e chefe do Conselho Real de Luís XIII) : *“a partir de Luís XIII, o Estado passou a assumir, tanto quanto possível, o controle do parecer. Por exemplo, proibiu os duelos sob pena de morte (Richelieu) e mediante leis suntuárias procurou proibir o luxo da vestimenta e a usurpação, graças à roupa, de um lugar não garantido pelo direito” (p. 12)*

Montaigne (1533 - 1592, filósofo), **Henri de Campion** (1613 - 1633, militar e memorialista), **Carlo Ginzburg** (1939 - , historiador) e **Jamerey-Duval** (1695 - 1775, historiador e bibliotecário):

*“Isso não impediu que a leitura silenciosa permitisse a mais de uma pessoa formar sua concepção do mundo, adquirir conhecimentos empíricos, como **Montaigne** ou **Henri de Campion**, mas também como o moleiro estudado por **Carlo Ginzburg** ou **Jamerey-Duval**.”(p. 13)*

*“No fim do século XVII, o pequeno **Jamerey-Duval**, de sete ou oito anos, escapa da madrasta e refugia-se na floresta, junto a um pequeno grupo (uma pequena sociedade) de pastores que o ensinam a ler.” (p. 19)*

*“E o caso de **Henri de Campion**, apresentado por **Yves Castan**, que sem escrúpulos passa do serviço do rei para o de príncipes revoltados e, no entanto, sempre invoca o rei.” (p. 23)*

*“Um dos modelos dessa dupla relação público/privado é dado por **Henri de Campion**, que enquanto servia o exército, organizava "conferências" nas quais se discutia Maquiavel.” (p. 24)*

Roger Chartier (1945 - , historiador) e **Jacques Revel** (1942 - , historiador):

“Roger Chartier viu-a com novos olhos, Jacques Revel falará dela aqui mesmo.” (p. 14)

Maine de Biran (1766 - 1824, filósofo, matemático e psicólogo francês) e **Henri-Frédéric Amiel** (1821 - 1881, filósofo, poeta e crítico suíço): *“A autobiografia correspondia tão bem a uma necessidade da época que se tornou um gênero literário (como o testamento na Idade Média), um meio de expressão literária ou filosófica, de Maine de Biran a Amiel.”* (p. 15)

Madame de Sévigné (1626 - 1696, marquesa e escritora francesa): *“Madame de Sévigné, que em Paris nunca ficava sozinha, expressa nas cartas da última parte de sua vida o prazer que sente na Bretanha por ficar sozinha três ou quatro horas seguidas (...)”* (p. 15)
“Madame de Sévigné está no limite de duas épocas, e em suas cartas encontramos exemplos das duas.” (p. 16)

Charles de Sévigné (1648-1713, aristocrata e soldado francês): *“Charles de Sévigné era excelente leitor.”* (p. 13)

Shakespeare (1564 - 1616, poeta, dramaturgo e ator) e **Michelangelo** (1475 - 1564, pintor, escultor, poeta): *“Só excepcionalmente, sem dúvida, é a grande amizade que encontramos em Shakespeare ou em Michelangelo.”* (p. 16)

Samuel Pepys (1633 - 1703, funcionário da administração naval inglesa e parlamentar, famoso por seu diário, que combina informações pessoais e revelações, como testemunha ocular, de grandes eventos):
“Já Samuel Pepys conhece bastante bem os fornecedores para comprar, como connaisseur, gravuras, móveis e cama.” (p. 17)

Arlette Farge (1941 - , historiadora): *“Aliás, Arlette Farge mostrou a persistência de uma sociabilidade pública da rua nos espaços de acesso às casas.”* (p. 19)

Philippe Fortin de La Hoguette (1585 - 1668, militar e escritor francês):
“Limite-me, porém, a citar este texto de Fortin de La Hoguette: (...)” (p. 19)

Maurice Aymard (1936 - , historiador), **Nicole Castan** (?) e **Yves Castan** (1924 - , historiador) e **Jean-Louis Flandrin** (1931, 2001):

“Nem todos os comentários que fiz no início do colóquio são de minha autoria. Alguns (sobretudo no que se refere ao Estado) foram inspirados por conversas que tive com Maurice Aymard, Nicole e Yves Castan e Jean-Louis Flandrin.” (p. 21)

“E o caso de Henri de Campion, apresentado por Yves Castan, que sem escrúpulos passa do serviço do rei para o de príncipes revoltados e, no entanto, sempre invoca o rei.” (p. 23)

- **Estrutura argumentativa utilizada**

Organizado em quatro subtítulos e utilizando muitas perguntas retóricas, o texto começa estabelecendo duas épocas de referência - o fim da idade média e o século XIV.

“Proporei duas épocas de referência, duas situações históricas, ou melhor, duas representações aproximativas de duas situações históricas, para que possamos colocar o problema do período

intermediário. O ponto de partida será o final da Idade Média. (...) O ponto de chegada é o século XIV.” (p. 9-10)

“Como se passou do primeiro ao segundo desses modelos que grosso modo esboçamos? Podemos imaginar diferentes abordagens e devemos escolher uma dentre elas.” (p. 10)

No primeiro subtítulo “**As evoluções da era moderna**”, o autor cita “*três fatos externos, ligados à grande história político-cultural*” (p. 11) que, julga relevantes no sentido de “*modificar as mentalidades, em especial a ideia do indivíduo e de seu papel na vida cotidiana da sociedade*” (p. 11). São eles:

- 1) o **novo papel do Estado**, que começa a interferir cada vez mais nas relações interiores. “*O indivíduo não era como era, e sim como parecia, ou melhor, como conseguia parecer (...). O Estado passou a assumir, tanto quanto possível, o controle do parecer*” (p. 12). “*O Estado de justiça dividiu a sociedade em três zonas:*” a sociedade cortesã, as classes populares das cidades e dos campos e a corte, o povo simples, aqueles “*que sentem um prazer inédito em ficar em casa e manter relações agradáveis com uma pequena “sociedade”*” (p. 13)
- 2) “*O segundo fato é o desenvolvimento da alfabetização e a difusão da leitura, sobretudo graças à imprensa.*” (p. 12)
- 3) “*as formas novas de religião que se estabelecem nos séculos XVI e XVII. Elas desenvolvem uma devoção interior. (...) Entre os leigos, a oração cada vez mais assume a forma da meditação solitária num oratório privado ou simplesmente num canto do quarto, num móvel adaptado para esse fim, o genuflexório.*” (p. 13)

No segundo subtítulo “**Os indícios da privatização**”, a questão norteadora é “*por que caminhos esses fatos vão penetrar as mentalidades*” (p. 13). Para isso, o autor distingue “*seis categorias de dados importantes que agrupam em torno de elementos concretos as mudanças ocorridas e permitem apreendê-las sob uma forma elementar.*” (p. 14)

- 1) **A literatura de civilidade**, que marca uma mudança na “*maneira de tratar o próprio corpo e o dos outros [que] explicam um pudor novo, uma preocupação nova em esconder determinadas partes do corpo, determinados atos, como a excreção.*” (p. 14)
- 2) “*o diário íntimo, as cartas, as confissões de modo geral, a literatura autografa que atesta os progressos da alfabetização e uma relação estabelecida entre leitura, escrita e autoconhecimento.*” (p. 15)
- 3) **O gosto da solidão.**
- 4) **A amizade** - “*Essa tendência à solidão convida a partilhá-la com um amigo querido, selecionado no círculo habitual, em geral mestre, parente, servidor ou vizinho, especialmente escolhido, apartado dos outros. Um outro eu.*” (p. 16)
- 5) “*uma nova maneira de conceber e levar a vida cotidiana (...) como uma exteriorização de si mesmo e dos valores íntimos que cada um cultiva em si. (...) é o gosto, que se torna então um autêntico valor.*” (p. 16)
- 6) “**A história da casa** resume, talvez, todo o movimento dessas constelações psicológicas que acabamos de mencionar, suas inovações e suas contradições” (p. 17)

No terceiro subtítulo, “**Indivíduo, o grupo, a família**”, a pergunta norteadora é “*como todos esses elementos se reorganizaram na realidade cotidiana para constituir estruturas coerentes, dotadas de forte unidade, e como tais estruturas puderam evoluir.*” (p. 18). Para isso, Ariès define três fases importantes:

- 1) **A conquista da intimidade individual.**
- 2) “*A segunda fase é a organização, entre os séculos XVI e XVII, de grupos de convivialidade nos meios que não pertenciam à corte e estavam acima das classes populares; tais grupos desenvolveram uma verdadeira cultura de pequenas sociedades dedicadas à conversação e também à correspondência e à leitura em voz alta*” (p. 19)
- 3) “*Outra forma de vida cotidiana invade o espaço social, tendendo pouco a pouco, em todas as classes sociais, a concentrar todas as manifestações da vida privada. A família muda de sentido. (...) Tende a tornar-se o que nunca havia sido: lugar de refúgio onde se escapa dos olhares de fora, lugar de afetividade onde se estabelecem relações de sentimento entre o casal e os filhos, lugar de atenção à infância (bom ou mau).*” (p. 20)

No quarto e último subtítulo, “**A dupla definição do público**”, o autor apresenta brevemente um debate de suas ideias com as de outros historiadores. Para esse outros autores (Maurice Aymard, Nicole e Yves Castan e Jean-Louis Flandrin), “*o problema consiste em saber como se passa de um tipo de sociabilidade em que o privado e o público se confundem para uma sociabilidade na qual o privado é separado do público e até o absorve ou reduz sua extensão.*” (p. 21) Para Ariès, mais especificamente, “*o problema essencial tornava-se a passagem de uma sociabilidade anônima de grupos em que as pessoas podiam se reconhecer para uma sociedade anônima sem sociabilidade pública, em que dominavam (se não consideramos os locais de lazer ou de prazeres organizados) ou um espaço profissional, ou um espaço privado, o "privado" preponderando nas sociedades anônimas nas quais a sociabilidade pública praticamente desaparecera.*” (p. 22)

Ariès reconhece uma nova complexidade no aspecto da oposição público/privado “*agora entendo melhor que o problema não é tão monolítico como eu pensava, que ele se compõe de pelo menos duas questões essenciais (...). Nesta concepção, o público é o Estado, o serviço do Estado, e o privado — ou melhor, como se dizia sem nenhuma ambiguidade, o "particular" — referia-se a tudo que escapasse ao Estado.*” (p. 22)

- **Resultados interpretativos**

“*A conclusão que tiro dessas reflexões é que o problema da vida privada nos tempos modernos deve ser tratado sob dois ângulos distintos. Um é o da oposição entre o homem de Estado e o particular e das relações entre o domínio do Estado e o que, no limite, se tornará um espaço doméstico. O outro é o da sociabilidade e da passagem de uma sociabilidade anônima, em que as noções de público e privado se confundem, a uma sociabilidade florescente em que surgem setores bem diversos: um resíduo de sociabilidade anônima, um setor profissional e um setor, igualmente privado, reduzido à vida doméstica.*” (p. 25)